

BENZIMENTO COMO PRÁTICA CULTURAL: A HISTÓRIA E A PRÁTICA DE DONA SEBASTIANA EM XAMBIOÁ-TO

BLESSING AS A CULTURAL PRACTICE: DONA SEBASTIANA'S HISTORY AND PRACTICE IN XAMBIOÁ-TO

Márcia Félix da Silva **1**
Sariza Oliveira Caetano Venâncio **2**
Gleyce Martins de Carvalho **3**

Resumo: Como uma forma de assistência física e espiritual às pessoas deixadas à margem do sistema de saúde e das religiões hegemônicas, a prática do benzimento, remonta ao início das sociedades como uma importante atividade que através do ato de fé, aliada à medicina popular, busca curar o corpo e a alma. Sebastiana Duarte Cavalcante, conhecida como Dona Sé, tem sua história de luta e resistência desde a sua infância, ainda no interior do Maranhão, permeada por práticas curadoras. Entender a história de vida dela, os métodos utilizados para benzer, as rezas e as plantas formam alguns dos objetivos desse trabalho, e para tanto, lançamos mão da História Oral. Toda a análise se deu a partir da compreensão do benzimento como prática cultural que tem atuação e contribuição para a sociedade local.

Palavras-chave: Benzimento. Práticas Culturais. Xambioá/TO.

Abstract: Like a form of physic and spiritual assistance to people who were left on the bottom of the health system and hegemonic religions, the practice of blessing goes back to the beginning of societies as an important activity that, through the act of faith, combined with popular medicine, seeks to heal the body and soul. Sebastiana Duarte Cavalcante, known as Dona Sé, has her history of struggle and resistance since her childhood, still in the interior of Maranhão, permeated by curative practices. Understanding her life story, the methods used to bless, the prayers and the plants form some of the objectives of this work, and for that, we used Oral History. The whole analysis took place from the understanding of blessing as a cultural practice that has a role and contribution to local society.

Keywords: Blessing. Cultural Practices. Xambioá/TO

-
- 1** Graduada em História pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1114669007268609>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1674-7953>. E-mail: marciafl703@gmail.com
 - 2** Doutora em Antropologia Social pela Unicamp, professora do curso de licenciatura em História e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0694162308436554>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9035-9903>. E-mail: sarizaetano@gmail.com
 - 3** Mestra em Estudos de Cultura e Território pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1472658973287050>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7883-8127>. E-mail: gleyce.martins@gmail.com

Introdução

Se até fins do século XIX a História ainda se debruçava em narrar e analisar a história dos vencedores, e localizados no Ocidente, a partir da Escola dos Annales, especialmente no século XX, outras temáticas, regiões e pessoas passaram a ter suas histórias estudadas. Nessa nova frente de pesquisas, a cultura popular e suas práticas ganharam destaque na historiografia. É a partir dessa nova perspectiva que podemos, atualmente, estudar as práticas culturais, sejam elas quais forem. Desse modo, as compreendemos como ações realizadas por seres humanos na relação de uns com os outros e na sua relação com o mundo. Uma prática cultural não é constituída apenas no momento de sua produção; ela também se constitui no momento da recepção (BARROS, 2005) e em ações que não necessariamente produzem bem materiais, como é o caso aqui estudado do benzimento.

De acordo com Chartier (1988), compreendemos que a construção da prática cultural se dá através de dois fatores importantes: a prática e as representações. Eles são definidos pelas mais diferentes formas, como festejar, cantar uma música, cultivo de determinada planta, assim como seu uso etc. Eles podem criar costumes que são difundidos e criar representatividades que serão reforçadas ao longo do tempo e repassadas de geração a geração. O autor ainda afirma que a História Cultural, corrente historiográfica a que esse trabalho se insere, precisa ser entendida a partir dos estudos dos processos socioculturais como uma forma de compreender os sentidos das representações e compreender o sentido do nosso presente. É desse modo que acreditamos que a prática do benzimento aqui apresentada parece se comportar, deve ser pensada e analisada à luz da história de vida de Dona Sebastiana.

O benzimento, prática cultural que visa trazer tratamento e cura para males espirituais e físicos através de rezas e movimentos gestuais específicos, foi e tem sido de grande uso para o auxílio no sofrimento de milhares de pessoas, especialmente das camadas populares, ao longo dos anos. Existe benzimento para quase tudo: proteção da casa, para crianças, para adultos, para animais, para fazendas, para o corpo e para o espírito. Se valendo de rezas, rituais, gestos, manuseio de objetos como ramos verdes, velas, facas, garrafa com água, entre outros itens, usando plantas medicinais e espirituais, assim como lançando mão de suas práticas e saberes, os benzedores e as benzedoras buscam enfatizar o poder da fé e a importância da caridade e da generosidade.

A partir de Moura (2009), podemos compreender que nas manifestações de cultura popular é essencial considerar que os benzedores e as benzedoras têm relação com a sociedade da qual fazem parte. Isso dá significado à sua existência de acordo com a realidade social. É por essa razão que apesar de encontrarmos homens com o conhecimento e atuantes na prática do benzimento, ainda é mais comum termos mulheres à frente desse ofício. Silva (2014) nos mostra que

Geralmente se encontrava relatos mais facilmente de mulheres praticantes de rezas e benzeções, o sexo masculino não era muito apresentado como praticantes dessas crenças. Porém, tal fato é devido à reminiscência histórica que separam os modelos padrões para cada sexo, cabendo para as mulheres entre tantos outros o ensinamento da religião. Transmitindo através da formação religiosa o que aprenderam com suas mães e avós (SILVA, 2014, p. 9).

A autora reafirma a atuação da mulher no processo de prática de benzimento, concebendo o papel feminino como definido na sociedade ocidental ao longo da história, ou seja, de funções voltadas para o privado, para o lar, e funções secundárias se comparadas àquelas desenvolvidas pelos homens. Sendo assim, às mulheres cabiam a tarefa de cuidar das crianças, dos doentes e da família de modo geral. Com o tempo, estas mulheres foram vistas pela comunidade como mulheres detentoras de conhecimento fundamental para a sobrevivência do grupo e responsáveis pela transmissão geracional das práticas relacionadas aos partos e às curas.

De acordo com Beltrão Júnior e Neves (2013), a grande maioria dessas mulheres tem vida simples e recursos financeiros limitados. Muitas trabalham apenas nas atividades de casa e conhecem “várias rezas, ervas, massagens, banhos, garrafadas, chás e simpatias, e que possui

muita confiança em seu poder de transmitir bem-aventurança aos outros” (p. 9). Ainda conforme os autores, elas representam um fortalecimento da fé, porque não dizer de um catolicismo popular, visto que de formas distintas elas combinam rezas com práticas místicas religiosas.

Foi com todo esse conhecimento e crença que em 10 de agosto de 2019 encontramos Sebastiana Duarte Cavalcante pela primeira vez em sua casa¹ localizada na Rua 2, no Setor Alto Bonito, em Xambioá/TO. Chegamos até a casa dela por intermédio de uma conhecida. Deste primeiro contato, seguiu-se mais outros dois.

Partindo da metodologia da História Oral, munidas de gravadores, celulares, caneta e papel, que nos encontramos algumas vezes com Dona Sebastiana. Mediante sua autorização prévia, nossas conversas foram gravadas e transcritas posteriormente. Quando não podíamos compreender o dito pela entrevistada, lançávamos mão do caderno de anotações para nos ajudar nas análises *a posteriori*. Percebemos que, ainda que esses recursos tenham sido variados e usados em momentos específicos e distintos, como diria Thompson (2002), isso contribuiu para uma visão mais polissêmica do real, ou seja, para uma visão mais plural da vida e do cotidiano de Dona Sebastiana.

Após a primeira visita, nosso interesse por conhecer mais sobre sua história de vida e sobre suas práticas de benzimento aumentou. Ao ser questionada se poderíamos vir outras vezes para entrevistá-la, Dona Sebastiana concordou de forma espontânea, e já foi nos convidando para conhecer o quartinho onde guarda todos os aparatos e objetos que ela utiliza durante os benzimentos. Contudo, enfatizou algumas vezes que não teria muito a dizer sobre a prática. Esse tipo de afirmativa é facilmente encontrado quando lidamos com sujeitos que foram historicamente relegados às margens das narrativas oficiais e acadêmicas. A compreensão de que nada tem a dizer sobre determinado assunto ou que suas experiências de vida e conhecimento são inválidas permanece como verdade para esses sujeitos.

Essa compreensão dos espaços destinados a cada um, remonta às sociedades patriarcais em que as mulheres eram criadas desde seu nascimento para ocupar os espaços privados, ou seja, interno à casa e de seus afazeres, incluindo os cuidados aos habitantes dela. Já os homens eram criados para ocupar os espaços públicos e educados para falar à sociedade. Por muito tempo, os homens brancos foram exclusividades nas universidades, sendo os únicos com acesso ao saber científico. Sem falar que, do mesmo modo, as pesquisas eram voltadas para as atividades realizadas por eles. Desse modo, os saberes tradicionais foram sendo, cada vez mais, desvalorizados, principalmente por serem saberes pertencentes aos grupos marginalizados.

Podemos citar como exemplo, que dialoga com a pesquisa aqui apresentada, a desvalorização do conhecimento das mulheres sobre plantas medicinais, corpo feminino, rezas e partos. Suas práticas, por diversas vezes, foram associadas à bruxaria e uma “caça às bruxas” se tornou um momento histórico de silenciamento e domesticação das mulheres. Assim, nesse período, milhares delas foram perseguidas e condenadas à morte por toda Europa, no período da Idade Média, acusadas de práticas de bruxaria por conta dos seus saberes tradicionais.

Silvia Federici (2019), nos traz um pouco sobre a realidade desse período em que muitas mulheres foram perseguidas e mortas:

Nas fogueiras não eram apenas os corpos de “bruxas”, destruídos; também estava todo um universo de relações sociais que fora a base do poder social das mulheres e um vasto conhecimento que elas haviam transmitido, de mãe para filha, ao longo de gerações – conhecimento sobre ervas, sobre meios de contracepção ou aborto e sobre quais magias usar para obter o amor dos homens (FEDERICI, 2019, p.72).

Segundo a autora, a “caça às bruxas” serviu para domesticar a mulheres, instituindo um regime de terror contra elas com o objetivo de moldá-las a um novo modelo de feminilidade: obediente, submissa aos homens e conformadas com o confinamento na esfera privada. Desse modo, perdiam sua autonomia, sua liberdade e muitos dos seus saberes, por serem instituídos

¹ Atualmente Dona Sebastiana mora em um povoado chamado Ribeira no Tocantins, próximo ao município de Darcinópolis.

como relacionados à bruxaria, acabaram por desaparecer.

Ainda que a perseguição e proibição de muitas práticas tenham sido realizadas com eficácia, diversas sobreviveram a partir de estratégias de resistência elaboradas por essas mulheres. É dentro dessa perspectiva da resistência e de um conhecimento ancestral que chega até os dias atuais que contamos a história de vida de Dona Sebastiana e de seus saberes.

Apesar de todo esse histórico de marginalização feminina, Dona Sebastiana não ofereceu obstáculo à nossa aproximação, perguntas e interesse. Contudo, ela fez um único pedido: devido ao fato das pessoas que a procuravam para benzimento exigirem privacidade, ela queria que avisássemos antes das visitas para entrevistá-la. Assim foi feito.

No nosso primeiro encontro para a entrevista gravada, percebi que teríamos alguns problemas na hora da gravação, uma vez que ela insistiu para que conversássemos no quintal onde estão suas plantas; falamos de problemas porque os ruídos eram muitos nesse ambiente externo. Ao final e no momento da transcrição pudemos comprovar que a gravação não ficou adequada, devido ao barulho do ambiente/quintal onde estávamos e por conta da dicção de Dona Sebastiana. Assim, o entendimento das palavras ficou comprometido, mas mesmo com essas dificuldades, conseguimos realizar duas gravações.

Do mesmo modo como nossa entrevistada se mostrou solícita em falar sobre seus saberes e práticas envolvendo os benzimentos, ela permitiu que fotos fossem tiradas das suas plantas, de seus livros de rezas e dela em momentos em que benzia algumas pessoas. Como mostraremos mais abaixo, cada planta, erva, ramo tem uma função medicinal, seja de cunho material ou espiritual. Cada encontro teve uma duração de aproximadamente sete a oito horas, o que nos permitiu acompanhar muito dos prazeres e tristezas que ela tem com a prática do benzimento: prazeres quando ajudava as pessoas e tristeza por sofrer críticas e acusações de “feitiçaria” por parte da família que se tornou evangélica. Contudo, inicialmente, nos propomos mostrar como o conhecimento de Dona Sebastiana sobre o poder curativo das plantas de seu quintal é imenso, e como ela não mediu esforços para contar o que sabia. Assim como não cansou de narrar inúmeras histórias em que as pessoas a procuravam solicitando ajuda e ela os ajudava.

Contextualização geográfica e histórica

O Tocantins é o mais jovem estado do Brasil. Criado em 1988, tem Palmas como a sua capital. Apresenta na atualidade, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), uma população de aproximadamente 1,5 milhão de habitantes, uma economia em ascensão e uma pluralidade de saberes advindos especialmente de matrizes indígenas e afrodescendentes.

Xambioá, onde se deu a pesquisa, é um município do Tocantins com sua data de fundação em novembro de 1952. Está localizada a uma latitude 06º24'40" sul e a uma longitude 48º32'11" oeste, estando situada na margem direita do Rio Araguaia, a uma altitude de 141 metros. Sua população estimada em 2020 era de 11.520 habitantes. Xambioá forma uma conurbação com a cidade de São Geraldo do Araguaia (PA), que fica localizada na margem esquerda do rio anteriormente mencionado.

Figura 01. Xambioá/TO



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Xambio%C3%A1>.

Xambioá ficou conhecida nacionalmente por ser palco da Guerrilha do Araguaia entre o final da década de 1960 até o final de 1974. No conflito entre o Exército Brasileiro e guerrilheiros do Partido Comunista do Brasil, centenas de pessoas foram assassinadas ou capturadas. Vale ressaltar que esta região, onde está localizada a cidade, até a década de 1950 era povoada na sua maioria por povos indígenas (Javé, Karajá e Chambioá). Este cenário se transforma a partir desta década, sobretudo, com a descoberta de uma jazida de cristal de quartzo (SANTANA; SILVA; SILVA; PEREIRA, 2014). É nesse contexto de chegada de imigrantes que a família de dona Sebastiana chega na região vindo do Maranhão. Ela, natural de Alto Alegre dos Índios (MA), lembra a sua infância:

Morava no interior do Barra do Corda, no Maranhão. Nasci em Alto Alegre dos Índios. Moramos em São Pedro dos Cacetes, moramos no Jacaré. E me casei no Barra do Corda, Maranhão. Minha infância... Eu vou me lembrar... (risos) quando eu era menina gostava de brincar de roda. Brincávamos muito com as meninas. Cantávamos cantigas de cirandinha, eu tinha um monte de cantiguinha que cantávamos, mas só que eu não me lembro mais, né. Nós também fazíamos dama e brincávamos. Eu gostava das brincadeiras porque nós quase não andávamos porque nosso pai não deixava. Porque as moças de primeiro não andava assim fácil não como são libertas hoje. Aqui e acolá que uma, a mais velha, que era a Leka que poderia sair (entrevista realizada em 31/08/2019).

Filha de pai lavrador, o senhor Luís Lopes de Mesquita trabalhava na roça plantando e colhendo arroz, feijão, fava, milho, quiabo, maxixe, melancia, “colhia tudo enquanto e tinha muita fartura”, afirma dona Sebastiana. A mãe, Filomena Duarte Cavalcante, professora de formação, mas não atuava. Ela se atinha aos afazeres de casa e à costura.

Quando chegou em Xambioá-TO, dona Sebastiana e a família vinham de alguns momentos difíceis, passando antes por algumas cidades no estado do Pará. Ela recorda que foram momentos complicados, pois seu marido começou a ter problemas de saúde, e eles apostavam que a nova residência traria melhoras não somente para ele como para a família. Quando chegaram, ainda era início do povoamento da cidade, havendo poucos moradores na localidade. Lembra que compraram um lote onde não tinham vizinhos.

Compramos esse pedaço de chão aqui. Que antes era só uma casa de barro, bem aí na frente, coberta de palha. Fomos limpar o terreno e fazer isso, tudo foi plantio nosso já. Os pés de frutas no quintal, aqui só tinha um pé de coco. Mas o Antônio derrubou e quando eu me aposentei, eu cresci mais um pouco a casa, fiz um quarto para a menina e fiz uma cozinha e mandei rebocar. Estou lutando um bocado de tempo para cuidar daqui. Venho pelejando com a saúde do meu velho que até hoje ele é doente. Só vive mais é doente (entrevista realizada em 24/10/2019).

Assim, entre dificuldades de diversas naturezas, mas enfatizando o vencimento de todas essas dificuldades, Dona Sebastiana morou em Xambioá até o ano de 2020. Entre um afazer doméstico e outro, a benzedeira dava passe e curava física e espiritualmente quem lhe procurava. Por essa razão, ela se tornou conhecida e reconhecida pelas pessoas da cidade, ora pelo altruísmo de suas ações, ora pelo preconceito com o trabalho de benzimento por ela realizado.

“Essa prática de benzer, era do tronco velho”

Sebastiana Duarte Cavalcante, ou simplesmente Dona Sé como todos a conhecem no município de Xambioá-TO, é uma das poucas benzedeiros da região. Ela atende pessoas que acreditam em sua atuação e fé e que recorrem a ela para curas que a medicina científica não pode resolver. Desde sua infância, a religiosidade se fazia presente, o pai era da Igreja, e a mãe, participava do grupo de oração católico Legião de Maria. Segundo dona Sebastiana, todos eram católicos e seguiam os preceitos da Igreja.

Foi no início de sua adolescência que ela percebeu que havia algo de diferente com ela. Em certa ocasião ela perdeu a memória e seu pai a levou para tratar:

Perdi a minha memória. Aí, o papai me levou por Grajaú Maranhão, e foi lá que eu fui tratada pelo padre. Foi que o padre disse ao meu pai: “Seu Luiz leve a sua filha para casa e pegue esse terço junto com uma santinha de nossa senhora Aparecida, faça um altazinho para ela e bote a sua filha para rezar todos os dias o terço. Que ela vai rezando e Deus vai mostrando para ela o que ela vai fazer (entrevista realizada em 31/08/2019).

Segundo ela, o padre da cidade de Grajaú aconselhou seu pai a estimular o que chamou de dom. “Porque é dom de Deus e ninguém tira, se o senhor tentar tirar, você vai ter ela doida na corrente. Você quer ter sua filha na corrente?”, falou o padre. O pai, negando a pergunta feita, recebeu o aconselhamento para deixar a filha seguir o destino dela. Assim, ele montou um altar com a representação religiosa para incentivar o desenvolvimento do dom da filha. “Frei Adalberto era o nome do padre do Grajaú, oh! Padre sabido. Eu tenho certeza que aquele padre é santo, santo... Eu tenho certeza”, diz Dona Sé.

Para Dona Sebastiana, ela herdou o dom do pai, pois nunca percebeu nenhuma manifestação de benzimentos por parte da família da mãe. Ela narra um episódio de atuação do seu tio paterno:

Meu tio, ele era rezador, e tinha um cara gritando com dor no ouvido. O Antônio lembra porque eu já era casada com Antônio. O homem gritando de dor de ouvido, eram gritos! E meu tio lá em casa. Isso aqui, essa prática de benzer, era do tronco velho, esse dom meu já vem do nosso tronco velho. Ai, meu tio sabia rezar. Ele era do tipo de papai. O meu tio, ficou com dó do homem, e disse: “rapaz eu vou rezar em você!” Puxou um paninho velho do bolso, assim do tipo de uma estrela e colocou assim! (Em cima do ouvido) E rezou no ouvido do homem, dentro do pano veio zoando aquele negócio, aí ele pegou com aquele pano e colocou dentro de um vidro. E ele falou mostrando o vidro: “Vocês estão vendo aqui? O que tinha dentro do ouvindo desse homem, foi jogado um besouro”. Rezou e o homem ficou bom, e conversou. Aí a gente saiu, fomos embora. Quando chegamos em casa, o meu tio sentou-se e disse. “Olha Luiz, escuta?” Papai falou: “Eu não estou escutando nada, o que é?” “O homem está dizendo que eu não sei de nada, tá falando de mim. Disse que foi eu quem levou esse besouro dentro do pano”. Aí, ele disse: “É assim né, mas eu vou soltar esse besouro. Papai falou: “Oh, tio! Não faça isso não”. “Não vou fazer nada demais, não. Só vou soltar”. Mulher, foi só ele abrir a tampa do vidrinho assim! (Destampo um pouquinho) o homem começou a gritar, e era bem pertinho da nossa casa. Esse homem gritou... Esse homem gritou... e a mulher do homem: “Oh, seu João vá lá em casa rezar no Osvaldo. Que o Osvaldo tá é ruim!”. “Vou na sua casa não, ele vai ficar bom, crê no poder de Deus e da virgem Maria, porque eu não sei de nada, só sei de Deus, sei de nada não”. Ai quando estava perto da noite esse homem estava já para ficar doido. Ela, “Oh, seu João, pelo amor de Deus, pelo amor de Deus vá lá seu João, reze naquele homem, que eu lhe pago”. “Não faço nada por pagamento não, reza não é negócio. Eu rezo com o poder de Deus e da virgem Maria”. Aí o papai clamou, “Tio João, reza no homem”. E ele foi, e disse: “Olha eu vou rezar em tu, mas você nunca diga uma palavra, eu posso estar no fim do mundo, se você disser eu sei. E você vai sofrer, porque eu não estou me importando não (entrevista realizada em 31/08/2019).

Nos parece que a desconfiança do consultante foi interpretada por João a partir de alguns aspectos: o homem desconfiava de sua honestidade, não confiava no poder de Deus, e não tinha fé. Esse tipo de acontecido foi enfatizado por Dona Sebastiana para mostrar que é preciso que as pessoas tenham fé no poder do benzimento e acreditem nos benzedores; **não como o próprio provedor da cura, mas** como intermediário da energia de cura, atribuída a Deus e aos santos. A fala dela dialoga com os escritos de Lévi-Strauss (1996) sobre a eficácia dos rituais enquanto eficácia simbólica. Para o antropólogo, a “eficácia da magia” implicaria necessariamente na sua crença: a crença do feiticeiro nas suas técnicas, do doente no poder do feiticeiro e do coletivo no ritual. A crença coletiva, no caso do benzimento, parece se pautar não somente sobre os saberes e intermediação dos benzedores e benzedoras, mas também no poder divino.

Foi com essa “herança divina” que Dona Sebastiana conheceu e se casou com o senhor Antônio Ferreira Marques e tiveram 8 filhos: 4 homens e 4 mulheres. Ela afirma que já percebeu que alguns deles tem o mesmo dom que ela, mas que não deseja “isso” para os seus filhos. Ainda conta que “alguns até tinham, mas já entraram para a ‘crença’”. Seu desejo para que os filhos não trilhem seus passos se deve em parte ao trabalho árduo que ela sabe que é cuidar das pessoas, mas também ao preconceito diário que ela sofre por conta de seu dom. Esse último problema foi ainda mais intensificado quando alguns de seus filhos entraram para a ‘crença’ – termo usado por Dona Sé para fazer menção às religiões neopentecostais –, e passaram a importuná-la com acusações de bruxaria.

Da família de dona Sebastiana, apenas ela ainda se mantém no catolicismo, fazendo parte do grupo de oração Legião de Maria. Os seus filhos são evangélicos, e ela aceita e respeita a decisão de cada um, “porque eles acharam melhor né!”.

Meu velho mesmo disse que Deus chamou ele. Estava quase morto de cadeira de rodas e agora até está andando de bastão graças a Deus. Mas ele quase não vai a igreja, os crentes quase não visitam ele. Não sei se é porque eu benzo no povo. Aí os crentes não gostam disso. Aí a Darça é crente, a filha dela, só vai para a igreja dos crentes. Aquela outra que eu crio (neta), também só vai para a igreja dos crentes, aqui é só eu que vou para a igreja católica (entrevista realizada em 31/08/2019).

Da sua relação com a igreja, ela afirma que

o padre não gosta não. Ele já mandou eu largar de benzer, ele disse que não aceita isso na igreja. Que benzer não é coisa de Deus. Mas é de Deus sim. Porque se não fosse de Deus eu não via os santos. Eu ia ver era o bicho, Satanás. E eu vejo é os santos na minha frente (entrevista realizada em 31/08/2019).

Esses santos, como ela afirma, são os mesmos da Igreja Católica, como São Miguel, São Pedro, Nossa Senhora, dentre outros. Podemos ver na figura abaixo alguns dos santos de sua devoção no altar em sua residência e no quarto de oração onde ela faz suas preces. Ali o sincretismo é materialmente visível: entre imagens (estátuas e fotos) de santos e santas, orixás, caboclos e pretos-velhos se encontram com diversos vidros e vasilhames contendo ervas para banho, para infusões, para defumação e para diversos males. Vale ressaltar que a infusão é dada ao consulente para cheirar e colocar na testa quando este chega para benzer. Neste quarto, dona Sebastiana também faz a leitura de baralho cigano ou usa somente uma vela para ler passado e presente de quem a procura.

Figura 02. Quarto de orações



Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

Apesar dos ataques e críticas sofridas por pessoas externas e internas à sua casa, Dona Sé se mantém firme com a prática de benzer aqueles que a procuram. Ela é enfática ao dizer que não cobra por seus benzimentos, cabendo à pessoa benzida decidir se pode pagar, quanto pode e como quer pagar. Assim, muitos pagam como podem, com animais de criação doméstica, legumes ou até mesmo dinheiro.

Para Dona Sé, não se pode cobrar por um dom dado por Deus, mas as pessoas devem decidir se devem ajudar pelo bem recebido. Sua fala nos remete a dinâmica do dom e contra dom estudada por Mauss (1974). Ainda que ela não cobre os consulentes diretamente, sabemos que eles estão envolvidos numa teia de relações e códigos que os informam da necessidade e obrigação de retribuir quando um presente ou favor lhe é dado. Desse modo, muitos acabam deixando um “agrado” para Dona Sé quando termina o benzimento, ou já chegam com algum presente, ou voltam em outra

hora trazendo um regalo, ou até mesmo tomam seus filhos como afilhados como veremos mais abaixo.

Segunda ela, muitas pessoas pensam que por ela rezar e muitas pessoas a procurarem, ela teria muito dinheiro. Rebatendo esses pensamentos ela diz: “e eu não tenho nenhum tostão. Pode olhar lá dentro, eu rezo nas pessoas. Essa semana mesmo, eu passei rezando a semana todinha nas pessoas e não ganhei nada. Mas para dizer que eu não ganhei nada, eu ganhei cinco reais”. Para ela, rezar é uma obrigação, chegando a ficar doente quando não o faz.

Dona Sé lamenta o pouco estudo que teve; conta que chegou a estudar até o segundo ano do Ensino Fundamental, mas afirma “Eu ia para a escola. Cheguei a estudar até quatorze anos, só que eu não aprendi nada”. Ainda que seu conhecimento educacional formal tenha sido pouco, sua experiência de vida com a prática do benzer rendeu-lhe o título de “mestre no benzimento”. Ela não sabe ao certo como adquiriu essa classificação, mas conta que quando jovem conheceu através de visões um senhor que transmitiu a ela todo o conhecimento que ela tem hoje e disse que ela seria mestre:

Eu não sei e explicar bem, do porquê. Quando eu era criança, eu via um senhor já de idade e ele estava sempre trajado de vestes branca e deitado em uma rede também branca. Foi ele quem me ensinou todas as rezas que eu sei hoje. Principalmente rezar para me livrar de cobra. Porque eu só vivia com cobra nos meus pés e essa coisa de eu ser mestre era por eu estar sempre conversando e vendo coisas que os outros não viam. Por isso as pessoas diziam que era mestre. Tinha sempre uma entidade do meu lado conversado comigo (entrevista realizada em 31/08/2019).

Assim, ela descobriu que também tinha o dom de mediunidade. Além desse senhor, ela tem batizado em sua coroa guias das águas, como lemanjá, e os Oliveiras, os quais a defendiam de tudo. Ela lembra que não tem mais este senhor como mentor, pois pela idade e corpo já frágil pela velhice não consegue mais lidar com determinadas entidades devido ao peso espiritual elevado delas e por conta das dificuldades que vem enfrentando na família, no quesito saúde e financeiro. Vale ressaltar que o fato de a família ter se tornado crente contribuiu também para que ela fosse se afastando do trabalho com os guias: “Faz muitos anos que trabalhei, eu era bem novinha quando comecei, aí fui largando, fui largando até fiquei só com de mesa”.

“Para cada mal um santo e uma reza”

Dona Sebastiana conta que as rezas apontam sempre os santos de devoção e de poder para cada mal a ser combatido:

Para rezar em criança, eu rezo a oração com Jesus Cristo ou Jesus Menino. A gente reza para Nossa Senhora Santana, Santa Lina e Menino Jesus. E reza para quebrante e para dor no corpo é com São Pedro. E, com a chave de São Pedro para fechar o corpo. Dia de sexta-feira para tirar as dolarizadas do corpo de dentro para fora é com Jesus Cristo, ajoelhado no Monte Oliveira. Para arrancar qualquer dor alojada, feita por uma pessoa que faz mal aos outros, reza a oração de Jesus Cristo para retirar todas as macumbas de uma pessoa ou alguma dor de cabeça. Usa oração de São Paulo e São Felipe, pedindo com fé para tirar a dor de cabeça ou macumba lançada na pessoa. Se eu for rezar todas as orações, tu vais escrever muito. Então irei falar só os santos.

Santa Rita de Cassia, a gente ora para ela, para ela ajudar nos negócios. Para dar força e proteção nos negócios, para a gente fazer bons negócios. Com Santa Bárbara é do mesmo

jeito, aí eu rezo também com Santa Bárbara para ela proteger e abençoar a casa das pessoas que me procura. Para trazer sorte nos negócios, nossa Senhora Aparecida nunca deixa os seus filhos desamparados. Mas o meu compadre da Conceição e minha comadre da Conceição e meu padrinho Francisco das Chagas, e meu padrinho Cícero do Juazeiro sou muita apegada com esses santos.

Esses santos são os santos da minha devoção, e São Jorge Guerreiro, gosto de rezar as orações dele para me livrar dos inimigos. Padre Adalberto é bom saber das orações dele 'para nos dar bondade e que o sangue do nosso senhor Jesus Cristo derrama no centro do meu corpo e cérebro, o meu sangue não será derramado pelas mãos dos meus inimigos'. Aí abre os meus caminhos, traz força e proteção e me livra de todos os males, aí é grande, a Santa Joana d'Arc, é a santa da minha devoção (entrevista realizada em 24/10/2019).

Com esse rol de santos de devoção, ela relembra uma de suas maiores provações na cura. Ela teve de “levantar”, como ela mesmo diz, “uma pessoa que já estava despachada pelos médicos”. O homem encontrava-se em estágio terminal da doença, sem conseguir falar e “quase morto”, lembra ela, quando resolveram procurá-la, levando-o em uma rede até sua casa. Ela recorda que em um primeiro momento recusou ajudar o moribundo.

Eu disse 'não gente, pode levar esse homem de volta, Deus me livre'. Despachado dos médicos e morava na fazenda. Se chamava de João Multam na fazenda do Rosalvo, éramos muito conhecidos. Eu disse, não dou conta não. Nós morávamos no Gogó da onça, eles disseram: 'oh dona, pelo amor de Deus' (entrevista realizada em 31/08/2019).

Com a insistência dos familiares do enfermo, com pena da situação, e por não poder recusar ajudar alguém por ter isso como princípio em sua vida, aceitou socorrê-lo. Fez uma garrafada, uma mistura contendo várias ervas medicinais e pediu que o levassem de volta para a sua casa, mas antes disso, rezou nele. Ela lembra que no final do processo havia feito dez garrafadas para o homem, e ele ficou bom e revigorado, e sem qualquer traço de quem teria chegado no estado que se encontrava, ou seja, próximo à morte. Ela lembra que seus guias ainda a ajudaram a ver que a doença dele também tinha fundo espiritual:

A doença do homem foi jogada. Jogaram um espírito de tuberculoso no homem, e essas doenças não é doença que médico trata não. Era doença das pessoas tratar e ele ficou bonzinho e muito agradecido. Aí quando ele estava bom e gordo, eu tinha ganhado o Adriano (filho mais novo). Ele veio e disse: "Oh! Dona Sebastiana, me dê esse menino para eu ser padrinho?". "O seu menino eu tenho é vergonha". Mas ali eu dei (entrevista realizada em 31/08/2019).

Podemos perceber pela fala dela que existe uma clareza sobre os limites da sua prática. Ao dizer que “não é doença que médico trata não” Dona Sé nos mostra que existem males que são de responsabilidade da medicina acadêmica e outros resolvidos com rezas, plantas e saberes dos benzedores e benzedoras. É através da fé delas e deles e dos benefícios advindos da natureza, com as plantas medicinais, chás, emplastros, garrafadas ou outros métodos que a cura do corpo e do espírito são tratados.

Para Lemos (2010), não há como separar corpo e alma/espírito no universo das práticas de benzimento, porque se considera que o divino pode interferir no tratamento e na cura. Contudo, ainda assim, Dona Sé deixa claro que existem doenças que são específicas do universo dos médicos, e que nesses casos o que ela pode fazer é auxiliar com rezas e banhos. Agora, o contrário não parece

ocorrer, ou seja, quando o problema é de cunho espiritual, os médicos não detêm o saber para tratar tais enfermidades. O saber de Dona Sebastiana, assim como de vários outros benzedores, está pautado na relação que estes constroem com a natureza, os seres humanos e o sagrado.

Na Figura 03 observamos que como elementos da natureza são conciliados com rezas com a finalidade de tratar alguém. No ato do benzer, dona Sebastiana utiliza algumas folhinhas verdes na mão e enquanto faz repetidamente o movimento de cruz na frente da criança, ela realiza sua reza em silêncio. Depois, ela nos confidenciaria que a reza utilizada naquele procedimento foi a Oração do Menino Jesus. Ainda como parte do benzimento, ela pediu para que a mãe da criança a levantasse pelos braços por três vezes. Após isso, Dona Sé continuou a balançar as folhas fazendo uma cruz até que elas ficaram murchas. Ao terminar a reza, ela jogou as folhas usadas em local com grama e outras plantas de seu quintal.

Figura 03. Benzimento contra quebrante



Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

Vale ressaltar que plantas diferentes são usadas em tratamentos diferentes e em idades diferentes. Dona Sebastiana usa algumas folhas de mamona quando precisa rezar contra cobreiro. Segundo ela, essa doença é uma enfermidade interna que causa ferimentos na pele da pessoa e que se topar a ponta onde iniciou as feridas com a cabeça (outra extremidade do ferimento) a pessoa morre. Assim, tem que matar o cobreiro logo, e é somente por benzimento. Então, ela vai rezando e vai cortando as folhas da mamona. Segundo ela, esse procedimento é necessário porque cada corte nas folhas é um corte que se faz no cobreiro. Tanto corta as pontas das folhas como cortam-se os talos.

Figura 04 . Rezado contra um cobreiro



Fonte: Arquivos das pesquisadoras.

Na residência de dona Sebastiana em Xambioá, em seu quintal, há várias plantas medicinais que ela utiliza nos tratamentos de pessoas que buscam seus conhecimentos. De acordo com Hoffmann-Horochovski (2012, p.133) a maioria das propriedades terapêuticas que os benzedores conhecem das plantas medicinais reportam do saber popular, transmitido da oralidade, de geração a geração. Lembremos que Dona Sé apontou a família paterna como responsável por deter e ensinar o que ela sabe hoje. Ao caminharmos por seu quintal, questionamos as propriedades curativas das plantas ali presentes, e ela foi logo explicando:

É mastruz, gervão, folha santa. Tem a casca da manga de fiapo que é muito boa para inflamação de útero e ovários. A casca do jatobá, a casca da moreira de aroeira é bom para pessoa que tem a doença venérea. Junta com a casca do pau de leite, esse remédio cura a doença venérea. E tem muitos paus que eu não estou me lembro no momento. É porque a gente esquece. O alecrim é muito bom para quem possui a pressão alta. Como serve para outras coisas que a pessoa estiver sentindo no corpo, né. E aquela amora lá, é bom também para febre, junto com o trevo, o sabugueiro também é muito bom para febre e dor de cabeça. A arruda também é boa para mulher que sofre de depressão, né. Ela preparada como chá tem muitas ervas que, se eu for dizer... Tem aquela... Todas são boas para remédios.

E bom para banhos é a alfavaca, a manjerona, tem a espada de São Jorge, de Santa Bárbara, a Jardineira... todas são boas para banhos. Os banhos servem para gripe. E também pra fazer o descarrego do corpo tirando as coisas ruins como as dores e cansaço do corpo.

O Comigo Ninguém Pode, ele é muito bom também se a pessoa tiver coragem de banhar com ele. É bom para fazer a descarga do corpo. Mas ele coça muito. É, mas só se tiver coragem e quiser tirar as coisas ruim do corpo, sai tudinho não fica nada. É, o negócio é banhar, eu nunca fiz. Mas é bom, tem muitos outros que eu não me lembro. A folha do limão é boa para banho, a folha da laranja, a folha da lima, da tangerina e a folha da goiaba é boa para pessoa que incha. É só fazer o banho e banhar, desincha é bom. (Entrevista realizada em 31/08/2019).

Dona Sé conta que utiliza as medicinais conforme aprendeu com seu pai, visto que ele sempre utilizava ervas para ajudar na cura das pessoas. De acordo com Azevedo (2015), a utilização medicinal das plantas como complemento ao ritual na cura está intrínseca ao cotidiano das pessoas, principalmente dos benzedores. Utilizando-se de itens que são de fácil acesso e cultivo, muitos deles e delas tem em seus quintais quase toda a sorte de plantas utilizadas em seus rituais, e com Dona Sé não seria diferente.

Existem aquelas plantas que são de uso medicinal para a matéria, ou seja, o corpo físico, e outras que cuidam especificamente do lado espiritual.

Figura 05. Gervão e Pariri



Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

O gervão na figura acima, segundo dona Sebastiana, é uma planta medicinal de uso popular. Ela usa o sumo feito das folhas, com ou sem o mastruz, para cuidar de todos os tipos de inflamações. Já suas folhas torradas, ela usa sobre ferimentos. Do mesmo modo que o gervão, o pariri é um excelente remédio para diversos tipos de doenças. Como infecção dos rins, e anemia, infecção uterina e conjuntivite. Pode ser usada em forma de chás ou sumo. Assim como estas apresentadas em imagens, tantas outras são as plantas (folha grossa, folha santa, trevo-roxo, trevinho, sabugueiro, coentro do Pará, alecrim etc.) no quintal de dona Sé que podem ser usadas para tratamentos de enfermidades que atingem diretamente o corpo das pessoas (inflamação no útero e ovário, úlcera, gastrite, problemas de coração, circulação, asma, pressão alta, cólicas, catapora, sarampo, dengue etc.).

Vale lembrar que ainda que muitas dessas doenças sejam tratadas a partir da medicina tradicional, o saber popular mantém a tradição do uso de ervas para o tratamento do problema ou dos sintomas. A recomendação de se buscar um médico foi por vezes ouvida por nós, mas seguida do pedido de que até que pudesse ver um médico a pessoa devia seguir tomando o chá ou garrafada receitada. Contudo, sabemos que para a grande maioria da população os serviços de saúde, quando particulares são caros, e quando são públicos são precários e demorados. Assim, nas poucas visitas que fizemos, pudemos ver pessoas regressando a casa de Dona Sé para agradecer os efeitos positivos que suas ervas tiveram sobre seus corpos debilitados sem mesmo terem ido ao médico.

Além das plantas que são usadas de forma tópica ou como chás para doenças da matéria, ainda existem aquelas que são as responsáveis por proteger ou curar o espírito, como é o caso da figura abaixo. A Espada de São Jorge é uma planta guardiã, ou seja, ela serve para proteger qualquer estabelecimento contra o mau-olhado de pessoas mal-intencionadas e ambiciosas. Ela representa o santo guerreiro e protetor da família. Dona Sé enfatiza que ela deve estar bem na entrada da casa para defender o lar.

Outra planta que atua na mesma esfera espiritual é a Comigo-ninguém-pode. É uma planta que, de acordo com Dona Sé, todos deveriam ter em casa, pois é muito boa para fazer limpeza espiritual, afastar o mau-olhado, olho gordo, inveja etc. Essa planta tem o poder de afastar energias negativas e fazer o descarrego espiritual se as pessoas tiverem coragem de tomar o banho com ela. O fato coragem vem do fato da planta coçar bastante.

Figura 06. Espada de São Jorge e Comigo-ninguém-pode



Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

Por fim, há ainda aquelas plantas que pertencem aos dois universos: elas servem tanto para o cuidado do corpo como do espírito. É o caso aqui do alecrim. Vale ressaltar que ele ainda tem sua serventia na culinária, como também é o caso do coentro do Pará. Dona Sé diz que usado como chá é um ótimo remédio para gripe, asma e ajuda aliviar a tosse e a febre. Ainda acrescenta que é ótimo para pessoas que sofrem de pressão alta. O alecrim também é benéfico no plano espiritual. O banho com ele serve para limpar o corpo e o ambiente das más energias, podendo também ser usado para obter bons fluidos energéticos.

A relação estabelecida com a natureza, especialmente aqui através das plantas, é comum a todos os benzedores e benzedoras. O caso específico de Dona Sebastiana é o retrato de muitos outros que tem o quintal, que cerca suas casas, repleto de plantas medicinais e espirituais, ervas alimentícias e ornamentais.

Considerações Finais

Todo o saber e conhecimento de Dona Sé, apresentado aqui de forma breve, nos lembra o que Thompson (2002) falou sobre como os saberes populares, de uma sociedade não intelectualizada academicamente possuidora de uma riqueza em evidência que está inscrita nas experiências sociais. É através da relação com seus consulentes e da relação com seus santos e guias que o conhecimento de Dona Sé tem sido aprimorado, se perpetuado e transmitido. A cada benzimento, a cada balançar de folha, a cada reza e a cada ensinamento e tratamento dado, ela evidencia sua importância em uma sociedade que mesmo recorrendo aos seus préstimos, ora ou outra demonstra seu preconceito.

Quando decidimos trabalhar com História Oral sabíamos que nos depararíamos com outras experiências, sujeitos e percepções geralmente excluídos da História e das documentações oficiais (FONTOURA, ALFAIA, FERNANDES, 2013). Foi assim, que conhecemos a trajetória de Dona Sebastiana, sua história de aprendizado, luta e resistência no ofício de benzedora, e entendemos quando Thompson (2002) dizia que o nível do indivíduo é o mais fundamental da História, ou seja, as histórias pessoais são tão ou mais importantes do que a chamada grande História.

Dona Sebastiana é protagonista com seu conhecimento e saberes em um mundo cada vez mais tecnológico e em que os significados são expandidos e dinâmicos. Dona Sé mantém viva a cultura do uso de plantas medicinais, atrelando e fortalecendo a fé e a prática do benzimento. A sua história reflete o preconceito que a prática sofreu e ainda sofre com processos de condenação

e exclusão, mas representa também luta e resistência.

Percebemos, então, que o benzimento é uma prática que persiste incorporado ao cotidiano da população de Xambioá-TO. O poder da fé, da mediação das benzedeadas, e da ajuda delas a quem os e as procuram mantém a prática viva ainda atualmente, e mostra como ela é necessária para a população socialmente mais vulnerável, cumprindo, assim, uma função social que lhe foi atribuída desde o princípio.

Apesar da prática do benzimento estar no cotidiano das pessoas da região, Dona Sé é uma das poucas benzedeadas que restaram de sua geração. Se compreendermos a diversidade de credos e o avanço das neopentecostais podemos apontar o enfraquecimento dessa prática. Contudo, onde há ataques há também resistência e é assim que Dona Sé vem mantendo seus atendimentos e mostrando que a benzeção é a representação de valores culturais de uma sociedade e que na sua prática ela guarda as preces e plantas curadoras e está aberta para transmitir esse saber para futuras gerações.

Referências

AZEVEDO, Gilson Xavier de. Das vassouras aos ramos: o arquétipo das benzedeadas nas antigas bruxas medievais. **Mandrágora**, v. 21. n. 21, p. 119-133, 2015.

BARROS, José D'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BELTRÃO JÚNIOR, Hudson Roberto; NEVES, Soriany Simas. As Práticas de Benzimento em Parintins: Uma Abordagem Folkcomunicacional. **RELEM – Revista Eletrônica Mutações**, jul./dez., 2013.

BRASIL. IBGE. **Cidades**: Xambioá. Disponível em: <https://www2.xambioa.to.gov.br/portal/historia-da-cidade/>. Acesso em 11 abr. 2021.

BRASIL. IBGE. **Estados**: Tocantins. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to.html>. Acesso em abr. 2021.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e Representações**. Lisboa: Difusão Editorial, 1988. Coleção Memória e sociedade.

FEDERICI, Sílvia. **Mulheres e caças às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. São Paulo: Boitempo, 2019.

FONTOURA, Yuna; ALFAIA, Lilian; FERNANDES, Alexandre. A pesquisa histórica em estudos organizacionais no Brasil: uma análise paradigmática e novas perspectivas. **Revista eletrônica de Gestão Organizacional. GESTÃO**, v. 11, n. 1 p. 83-103, jan./abr., 2013.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete T. Velhas benzedeadas. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, v. 17, n. 2, p. 126-140, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/14025/11836>. Acesso em 05 mar. 2021.

LEMONS, Carolina Teles. Benzedura: uma forma de mito próprio das ruralidades. *In*: RICHTER REIMER, Ivoni; REIMER, Haroldo; FERREIRA, Joel Antônio (org.). **Anais do III Congresso Em Ciências da Religião Mitologia e Literatura Sagrada**. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, v. 1, n. 1, p. 61-70, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, v.1, 1974.

MENDES, Janaina. **As práticas tradicionais de cura popular e o patrimônio cultural do noroeste do Paraná: a benzeção e seus rituais (1940-1950)**. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/st1.html>. Acesso em 11 mar. 2021.

MOURA, Elen Cristina Dias de. **Entre ramos e rezas: o ritual de Benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 e 2008**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. São Paulo, 2009.

NERY, Vanda Cunha Albieri. **Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé**. In: NP Folkcomunicação, VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/120415399193864084132347838529996558992.pdf>. Acesso em 11 mar. 2021.

RIBEIRO, Helena; VARGAS, Heliana Comin. Saúde Urbana e qualidade de vida. **Revista USP**, São Paulo, n. 107, p. 13-26, 2015.

SANTANA, Maciano da Silva. SILVA, Raira Dias da. SILVA, Paloma Pereira da. PEREIRA, Aires José. Os impactos socioambientais em Xambioá-TO com a implantação da fábrica de cimento. In: **VII Congresso Brasileiro de Geógrafos – CBG**, Vitória, 2014. Disponível em: http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404071844_ARQUIVO_OsimpactossocioambientaisemXambioa-TOcomaimplantacaodafabricadecimento.pdf. Acesso em 05 abr. 2021.

SILVA. Benvinda Jomisleime Gonçalves da. **Resistência e fé: práticas de benzeção na zona rural de Aroeira – PB**. Trabalho de Conclusão do Curso de História. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2014.

SILVA, Fabiana Cristina da. OLIVEIRA, Lidiane Cristine Dutra de. SANTOS Valéria Nazário da Silva. Apontamentos sobre a influência religiosa na escolha da profissão. In: **III Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais**. Expressões Socioculturais da crise do capital e as implicações para a garantia dos direitos sociais e para o Serviço Social. Belo Horizonte, 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado, história oral**. 2 ed. 2002. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/A%20voz%20do%20passado%20hist%F3ria%20oral.pdf. Acesso em 12 mai. 2021.

Recebido em 16 de maio de 2022.

Aceito em 16 de agosto de 2022.